

GUA�PECA



Matheus Iparraguirre

Agradecimento a Deus por mais uma oportunidade de contar histórias,
e a minha família que sempre me apoia, principalmente minha filha Bianca.

Ao grande artista Clóvis Matzembacker,
por embarcar em mais uma obra nessa incrível parceria. Obrigado!

Também os créditos a Feevale, Pró-Cultura RS e
ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul – Na Cultura.

Pelo edital que disponibilizaram para concorrer.

Inspirado na declamação “QUE DIACHO, EU GOSTAVA DO MEU CUSCO”

Canção: Odilon Ramos

Compositor: Alcy de Vargas Cheuiche

SUMÁRIO

- Xucro.....	03
- Estancieiro.....	07
- Beberagem e Pensamentos.....	11
- Guaieca na Estrada.....	15
- Prisão.....	19
- Fome.....	23
- Ração.....	27
- De Volta para Casa.....	31
- Nova Vida.....	35
- Choro de Criança.....	40

Xucro

Tudo que sei aprendi nessas lidas de campo, coisas que se pensa ao acordar de um sonho amargo, com sangue e suor na madrugada fria do nosso Rio Grande do Sul.

Me levanto em minha choupana, jogo água no rosto pra esquecer das bobagens que a noite me reservou. Enquanto coloco minhas botas, olhando para o horizonte o sol desponta bonito em mais um dia no final de agosto.

Quando estou a sair, olho para meu retrato no vidro do espelho quebrado, passo a mão na minha barba e bigode, vejo que está na hora de afeitar o pelo velho. Não que me importe muito, mas o patrão não gosta de peão com cara de maltrapilho.

Na bacia que ainda deixei a água da lavagem, uso pra molhar o couro e pego a navalha raspando a cara. Vejo que as linhas da vida estão me marcando, creio que foram as noites de bailão. Oooh tempo bom que não volta mais! Pego o pano e seco as gotas que escorrem pela garganta, me pego a pensar que vida boa é a do seu Osvaldo com toda a mordomia do casarão e as moças cuidando de tudo, depois que sua esposa faleceu sua função é a de cuidar para que seu piazito ache uma chinoca para dar-lhe herdeiros.

Rrrrrr! O barulho do bucho mostra que a fome tá tomando conta deste bagual, não sem antes tomar aquele mate amargo. Bom isso eu agradeço ao patrão que deixa o pobre vivente comer e beber no casarão, realmente não posso reclamar, o homem é diferente, daqueles que tem visão de futuro. Creio que há influência do filho, bate e volta o rapaz que viaja muito por esse mundão fala ao pai sobre como tratar os criados. Por isso não posso discutir com o guri, se às vezes falar umas besteiras.

Eu arrumo minha bombacha e tirador colocando a camisa dentro, ajustando o lenço. Olho para perto da porta e vejo meu bichará velho e surrado, só ele pra aguentar esse frio brabo que tem feito nos últimos tempos, logo já desponta a primavera e a coisa fica mais tranquila. Tô vendo que não sou mais aquele homem xucro que não se importava com nada, vivia sujo em galpão reclamando até do vento. Bom, chega de devaneios, com a vestimenta pronta, escuto o grito da moça:

- Tibério! O mate tá pronto.

Pego meu chapéu e ajusto o barbicacho abaixo do queixo, abro a porta do recanto e respiro fundo, com um sorriso no rosto respondo pra ela:

- Tô indo!

Meu caminhar é esquisito, mas isso é de osso quebrado ao cair do cavalo na mocidade, faltou-me habilidade para escapar do tombo e do peso do animal por cima de mim. Nada que alguns anos à frente o tempo não cure as feridas, porém deixou suas marcas e o lombo que aguenta.

Vejo a grama esbranquiçada da geada, e o meu respirar soa a fumaça das narinas, alguns passos a mais e logo estou na cozinha, já o cheiro do café no bule transforma tudo.



- Buenas!

Me aprocheço no recinto, vejo a lenha queimando e aquecendo o lugar. As três mulheres que trabalham arduamente para alimentar a nós campeiros. Cada uma de sua geração, batalhadoras e com um carisma grandioso: Juraci, a mais velha delas; Araci, a mulher madura; Irani, a mais jovem, aquela que me chamou nessa manhã. Todas da mesma família, o patrão prefere contratar para manter o parentesco unido, vendo a vontade pela labuta.

- Não vai sorver o amargo? O patrão te espera. – Irani pergunta.

- Sim, me vou logo. Mas esse café é pra hoje?

As outras duas mulheres se viram com olhar fulminante. A chaleira chiando me pego a cuia e disparo em direção ao salão para ver o patrão. Creio que nunca corri tanto e tentando equilibrar o chimarrão ao mesmo tempo me mostrou uma nova habilidade, além de rir da cena vou fechando a porta. Já observo seu Osvaldo arrumar o chapéu e me convida:

- Bom dia Tibério! Senta pra matear.

- Bom dia patrão. Claro, vamos lá... – confirmo a ele.

Escuto entre elas me xingando pelo meu jeito debochado de ser, sem saber de qual delas sai as reclamações. Enquanto sento para o momento de descontração.

- Esse homem xucro me paga...

- Não sirvo mais café pra ele.

- Deixa mãe. Ele só gosta de brincar!

Senhor Osvaldo segura com firmeza a chaleira enquanto despeja a água quente na erva espumando a saborosa bebida. Ele me serve, pois já tinha tomado a sua dose enquanto me passava com as mulheres na cozinha.

Ahh! Sinto o aroma descer a garganta na queimadura certa. Enquanto observo o quadro que foi pintado da falecida esposa do patrão. Era uma mulher bonita, mas deu um nó nas tripas dela e bateu as botas. Sofreu por um bom tempo, enquanto aguentava noites a fio as dores e nenhum médico conseguiu resolver a situação dela, nem mesmo as curandeiras que vieram d'oeste, ali só aliviaram o mal estar até o último dia, enfim, foi uma morte triste. Agora descansou, e aos familiares também.

- Sente saudades? – pergunto ao patrão.

- Todos os dias, agora aceitei um pouco mais, no entanto não é fácil de crer no vazio que ela deixou nessa casa. – Sr. Osvaldo

- E quem pintou esse quadro mesmo patrão? – eu indago.

- Tu sabe Tibério! Foi Inácio, o amigo do meu filho, já te falei isso. – patrão Osvaldo.

- É, as vezes me passa essas coisas. Recordo do aniversário deste rapaz mês passado. – eu informo.

Entrego de volta a cuia após roncar, e percebo o olhar distante do patrão.

Durante a queda d'água novamente no porongo ele inspira como se o cansaço da vida tomasse conta do seu corpo. Passo os dedos pelo bigode e vejo o borbulhar do líquido junto ao morro da erva que aos poucos cede. E nessa hora ele pergunta.

- O que tem achado dos criados?

- Aqueles peões são um kakedo. Sempre reclamando de uma coisa ou outra. – explodo no comentário.

- Acha que tenho de dispensá-los? – o estancieiro questiona.

- Olha patrão, isso é uma decisão sua. Não vejo muita coisa por aí em outras estâncias e nas conversas de bolicho. – respondo diretamente.

- Não fazem mais trabalhadores como antigamente, talvez esses tempos de paz após essa guerra mundial tenha fraquejado os guapas. – informo com um sorriso irônico.

- É verdade, os grandes homens do século passado se foram. Meu pai que lutou na Revolução Farroupilha ao lado de Canabarro sabia disso. Ele sim era um homem vigoroso, porém sentiu-se traído pelo general que buscava ser um homem pacificador junto ao império. – o patrão cessa o assunto com um último gole.

Mais algumas idas e vindas do bom mate e a conversa parece cessar, com certos momentos de nostalgia e risadas. Senhor Osvaldo tem um apreço por mim que nunca tive em nenhuma outra estância.

Quando estamos por findar e a erva já está querendo ficar lavada, dona Juraci abre a porta da cozinha para avisar-nos que os preparativos do desjejum estavam a postos na mesa.

- Estamos encerrando aqui, já vamos ao café. – sr. Osvaldo.

- Certo patrão! – dona Juraci.

Ao levantar, empurramos as costas e o estralo é inevitável para ambos, demos uma leve risada percebendo que já não temos aquela idade de antes. Pego a chaleira e a cuia do patrão, enquanto ele abre a porta para entrarmos. As cozinheiras olham para mim com o nariz torcido, menos Irani que vem ao meu socorro para ajudar com as coisas, mas já aviso a ela.

- Fique bem, eu coloco no lugar!

- Como você queira. – fala a jovem.

- Se aproxime Tibério, temos muito o que fazer hoje. – sr. Osvaldo

- Sim patrão! – Tibério.

Estancieiro

Findado o alimento matinal, pego minhas coisas de trabalho e me mando pro estábulo, afinal é pra isso que eu sou pago. Não sirvo pra seguir conversa fiada durante o dia. Ao sair do casarão me sinto abençoado por cada dia que o patrão-velho me concede por estas coxilhas. Caminho a passos firmes, mesmo com dores e sinto na garganta um incômodo que me faz escarrar, cuspiendo ao chão para um alívio temporário. Ajustando o chapéu novamente, já sou recebido com uma saudação dos criados de galpão do senhor Osvaldo.

- Mas que tal Tibério. – homem de voz grossa responde.

- Buenas Tibúrcio. – pergunto ao amigo. – Como anda essa perna?

- Já viu dias melhores, meu amigo! – responde o Tibúrcio – E a sua?

- Na mesma. – concluo.

Outros já se aproximam ao galpão com o mesmo sentimento de trabalho em equipe, quando passo a mão pelos ajustes em um dos cavalos e vejo a montaria um pouco solta, me recordando anos atrás, quando o patriarca montou um redomão, e eu no meu cavalo zaino. Lá pelas tantas que o trote do animal do patrão mudou até que ficou difícil controlar, saí em disparada tentando conter o bichano que levanta as suas patas dianteiras e vejo senhor Osvaldo caindo. Na brecha consigo segurar ele pelo cangote, tendo uma queda muito menor do que a cabeça aguentaria. Apeio do meu, e procuro ajuda-lo que ficou apenas assustado com o ocorrido, e quando dou um grito pra sossegar tal malevo.

- A LA PUCHA!

Aos poucos, a mansidão toma conta e consigo tocar nele com calma e percebo que uma parte dos arreios estava com partes de metal machucando-o, mesmo estando mais frouxo e causava o desconforto. Comento isso ao senhor Osvaldo que no seu sorriso demonstrou a gratidão pela vida salva. Dias se passam quando em uma noite estava eu arrumando para fechar a estabulação o patrão me convida para ser o capataz da sua estância, ele percebe que me sinto gratificado pelo que ocorreu e aceito de vereda o novo compromisso, para conduzir os demais peões e o que se sucede no dia seguinte é o anúncio que aconteceu no galpão.

- Quero chamar a atenção de todos presentes. – sr. Osvaldo.

- A partir de hoje o Tibério será o capataz de vocês, devido ao taura ter me salvo a vida e por seus anos de serventia ao estancieiro aqui. – sr. Osvaldo.

Naquele dia havia me sentido orgulhoso do meu trabalho e como reconhecimento das palmas de meus companheiros, alguns mais, outros menos, mas sabemos que o tempo faz a cria. E ao final daquela semana uma churrascada ajudou a semear a amizade entre todos.

Durante os dias que se passaram, não me senti como um cacique, tampouco os ordenava para tarefas. Apenas fazia o que sempre fiz como aprendi, dando o exemplo que as coisas se ordenavam. Algumas mais certo, outras menos, assim o ofício foi se tornando mais seguro e o respeito dos que ficavam e outros que vinham para cá representava o esforço de manter as coisas em ordem.



Os pensamentos se vão, enquanto assobio para chamar a atenção do guapo que já tenta levar o animal para fora.

- Onde vais? – pergunto ao amigo.

- Ué, para a lida, donde mais iria? – responde indagando o Tibúrcio.

- Percebeu a sela como está? – questiono ao companheiro.

A face de espanto é percebida, quando mostro a frouxidão de não ter apertado bem o equipamento. Deixando ele um tanto envergonhado, contudo eles entendem a importância de rever a segurança na hora de montar. Fico a imaginar se ele fosse a pelear por essas bandas, iria se estropiar todo.

- Devido a isso que o nosso estancieiro quase foi pra terra do pé junto. – explico a todos.

- É verdade Tibério. – responde Tibúrcio.

- Obrigado! – agradece o mesmo homem.

Nos aprontamos e saímos em nossos cavalos pela coxilha para ver como o gado novilho e terneiros estão. O vento bate forte, mas com a vestimenta protegendo o couro e o sol começando a arder deixa-nos firmes para realizar as tarefas do dia a dia.

Ao descer pela aguada, vemos os bichos matando a sede e consumindo o pasto para se alimentar, enquanto os quero-queros se dispersam pelo ar a cada passo que damos com o seu aviso de que ali também pertence a todos. Cercando o rebanho, ajuntamos eles para outra área mais próxima do galpão e um dos peões avista o grupo das ovelhas, com isso seguimos o cuidado aos pequenos e com o olhar prevenido percebemos algo.

- Uma delas deve estar prenha, Tibério. – informa Tibúrcio.

- Quantos dias estive no cio? – pergunto.

- Acho que uns 17. – responde o homem da voz forte.

Afirmo com os olhos fechados balançando a cabeça de forma positiva, e o sorriso da certeza de mais um animal para o patrão comercializar pelas bandas do estado e quem sabe na capital.

*

Dono de boa parte das terras, muitas delas repartidas por meio de vendas aos parentes que precisavam de um local para o cultivo de culturas e outros animais, senhor Osvaldo durante algumas manhãs tem o hábito de consultar os periódicos que jovens a cavalo deixam na caixa de correspondência ajustada na entrada da estância. No dia de hoje foi especial, devido ao seu filho ter escrito uma carta para ele, a alegria estava estampada em seu rosto quando antes d'eu levar comida aos porcos vi ao fundo o velho homem retornar com os documentos em mãos para sua casa.

- Com sua licença patrão! – pede dona Araci.

- Sim, Araci. – sr. Osvaldo.

- Semana que vem preciso de coisas pra casa, se o senhor me permite fazer a lista. – Araci.
- Sem problemas, peço ao Tibério para que te conduzas a venda. – patrão Osvaldo.
- Agradecida! – dona Araci.

Ao adentrar no meu escritório com as notícias do dia e a carta de meu filho, por debaixo do meu braço, vejo a velha Juraci limpando os cômodos do aposento, com a tranquilidade que a idade lhe permite.

- Patrão! Queres que eu me retire? – Juraci.
- Podes ficar dona Juraci. – sr. Osvaldo.

Coloco tudo em cima da mesa para me dedicar em primeira instância a buscar na gaveta o abridor de cartas, e lendo as informações de meu querido filho, me assento na cadeira que outrora foi de meu pai. O estofado macio permite que minhas costas já deterioradas com o tempo se acalmem, enquanto observo Juraci com a mão em suas costas também. Tais palavras no texto me trazem alegrias ao saber que ele escreveu já saindo do porto e logo estará aqui.

- Notícias do filho? – dona Juraci.
- Sim, já saiu faz dias da Europa e no domingo estará em solo brasileiro. – alegremente respondo.

Prontamente abro as páginas de notícias e vejo algo que me interessa sobre Getúlio Vargas buscando apoio dos estancieiros junto a federação, seguindo a fórmula de Castilhos. Além de saber do resultado das melhorias na Biblioteca Pública do Estado, na capital onde tem auxiliado muito a mocidade na sua capacitação estudantil. Virando a folha, observo sobre o futebol apresentado pelo Sport Club Americano trazendo qualidade ao Campeonato Citadino, segundo os jornalistas.

- O que achas deste Vargas, dona Juraci? – pergunto colocando as folhas do jornal na mesa.
- Aquele de São Borja? – responde ela.
- Este mesmo. – comento prontamente.

A senhora de idade para com a sua limpeza, olhando diretamente para minha pessoa, agora com sua mão na cintura ela explana a sua posição a respeito do assunto.

- Olha, parece um bom homem, mas prefiro ficar de olho, sabe como são os políticos de hoje em dia... – levantando a sobrancelha dona Juraci objeta.
- Com certeza, com certeza! – respondo e fecho as páginas.

Deixo o material informativo em cima da mesa, levanto-me da cadeira observando pela janela as árvores ao longe e sigo para buscar um copo de água em direção da cozinha e noto a mulher retornando aos seus afazeres enquanto fecho a porta de madeira maciça com tranquilidade.

Beberagem e Pensamentos

Logo o fim de tarde chega e com ele o lombo cansado dos tropeiros. Depois de tudo ajeitado para o dia seguinte, nos assentamos em tocos de madeira para saborear o paiêro que arrumamos e colocar a conversa em dia.

No horizonte o sol descansa a cabeça e nossas risadas ajudam a animar a tertúlia do começo de noite, mas logo aviso aos amigos.

- Me vou para longe dos pagos hoje. Dia de tomar um trago no bolicho – já me levanto para pegar a chaleira e tomar o mate gordo.

Tibúrcio ajuda a preparar a erva na cuia e os demais seguem com as gargalhadas dessas conversas alheias, contando os tempos de traquinagem com suas famílias e o relho que levaram pelo ocorrido, tendo um misto de alegria e nostalgia de um período que não volta mais. Derramando a água para a bebida e passando de mão em mão a roda de conversa seguiu com a iluminação de uma fogueira que sempre usamos em dias como esse.

Depois desse ensejo de felicidade, entrego na última volta do mate o ronco com agradecimento para então me despedir dos companheiros. Ajustando a bombacha me viro em direção da choupana e os demais sinalizam com a aba de seus chapéus, somente um que resolve perguntar.

- Já te vais? – joga Tibúrcio.

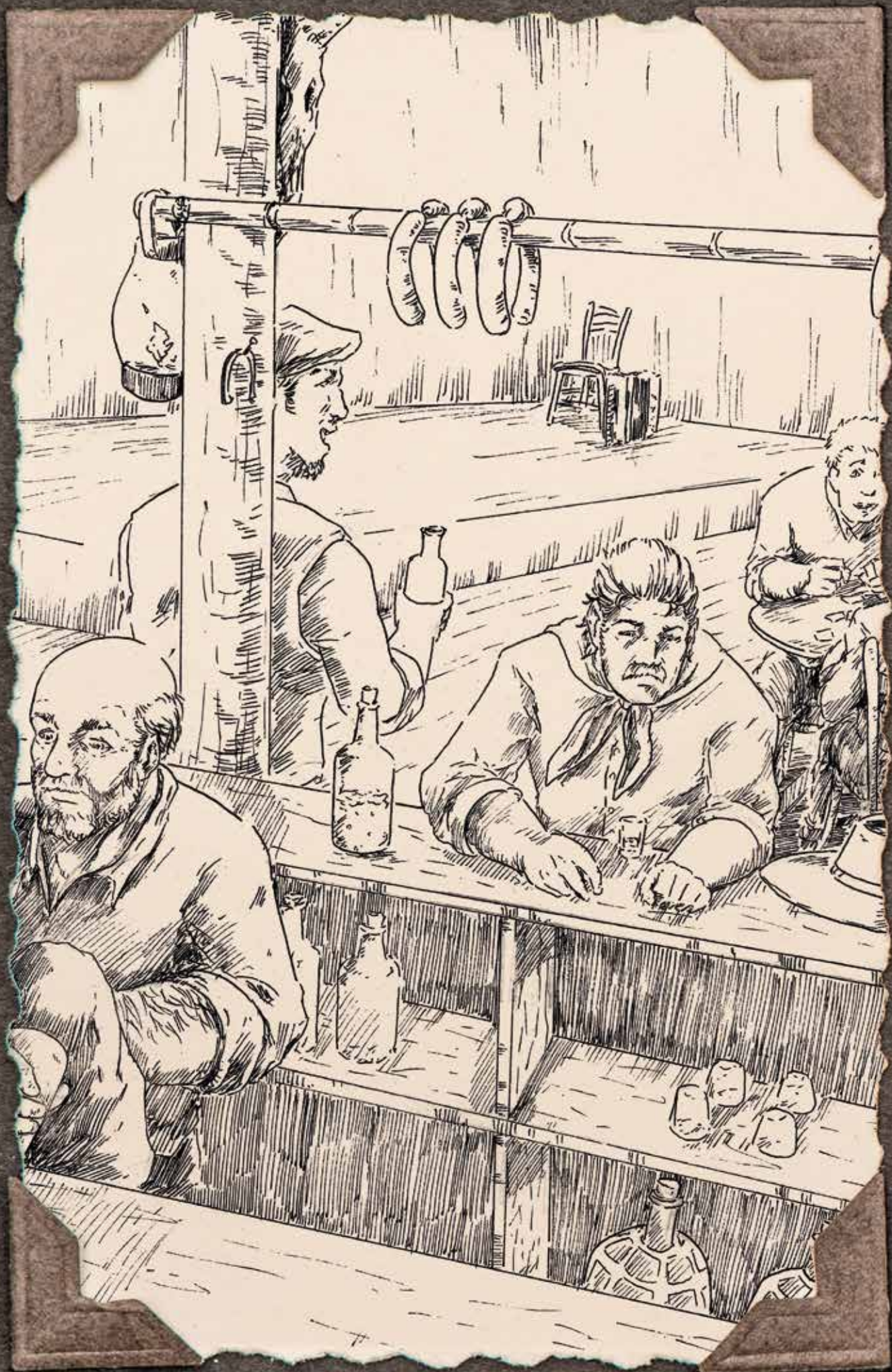
- Tá na hora, já se lançou a estrela d'alva. – retruco de forma amigável.

E a risada segue noite adentro para aqueles que ficaram próximo ao fogo de chão, e o vento rompe durante o caminho até meu aconchego. Sinto que preciso daquele balde de água pra jogar longe o cansaço e me ajeitar para o que a noite promete. Da última vez a comida valia o preço da venda, e o sorvo desceu para aquecer a alma. De primeira tal bebida, me vou a questionar donde o amigo consegue a especiaria, só pode ser da serra, penso eu.

Após os preparos necessários, arrumo a guaiaca pra qualquer coisa. Nunca se sabe quando vai precisar se defender desses cuiudos. Evitar uma peleia hoje em dia é quase impossível, as cabeças estão como em barris de pólvora.

Então saio a pé mesmo sem usar os cavalos da estância, e sinto por baixo da roupa a ventania rusguenta que teima em açoitar os andarilhos. Fecho a porteira com o enlace de ferro e a respiração birra em jogar a fumaça de minha boca pra fora. Desde o início da noite até agora se laçou um minuano que não descansa, e sigo atravessando o mato até a chegada na beira de estrada que possui um arvoredó abotoado de ponta a ponta, aberto apenas nas entradas de chácaras quão longe, nem lembro até onde vai. O lumiar da bola no céu já passou do seu estado cheio e agora escurece aos poucos o seu lado mais negro.

Me pareceu uma procissão até ver a iluminação do lugar, escutando as conversas ainda pelo lado de fora, as risadas e alguns gritos. Passos depois alcanço a entrada, com o aconchego acalorado, deixando para trás o frio no lado de fora, além do aroma da carne sendo servida para alguns castelhanos que se percebe pela fala diferente.



Me sento ao banco vago que avisto de longe, e colocando os cotovelos no balcão já assovio para o bolicheiro chamando a sua atenção.

- Que vai ser hoje seu Tibério? – o dono do estabelecimento pergunta.

- Me alcança um pra queimar a goela. – respondo de vereda.

Sinto o cheiro da linguiça e vejo que acima da minha cabeça tem algumas pernas penduradas fazendo o ronco da buchada cantar pedindo por elas.

- Frita uma linguiça preu? – peço com urgência.

- Já vai sair... – afirma o senhoril.

Logo percebo um bagual que se firma na tentativa de puxar conversa ao meu lado e já viro o rosto pensando o porquê não é uma china veia. O som de alguns cancioneiros que começam a surgir no pequeno palco para uma cantoria me chama a atenção, enquanto deixo o homem e sua garrafa que já devem estar pra lá da fronteira.

- Hoje o minuano rincha, não é amigo? – indaga o bêbado.

- É, ele vem despacito mesmo. – respondo quase de boca fechada.

Assim desce no balcão minha bebida na medida certa, que o dono já conhece o pedido de outras passadas. Bebo aquele líquido que desce rasgando o chocalho e mesmo assim é bom demais para aquecer a alma. No seguinte já o pé começa a balançar pelo musical que zuni em meus ouvidos, e abre a cachola da alegria dos tempos de guri que as amizades se divertiam e o nobre Tibério aqui buscava as mais belas moças, tirando elas para a dança, com todo o respeito é claro. Nos dias atuais a canseira toma conta, e as beldades das sociedades fraternais já são diferentes, restando apenas apreciar o som que relembra os momentos de glória.

Nas recordações das minhas prendas que tive em meus braços, mas o xucro não soube cuidar das flores e com a brabeza de um coice foi sendo despetalada uma a uma, ficando apenas o caule de uma vida que passa pelos meus olhos e somente a virtude da idade trouxe um pouco mais de maturidade ao velho guaco. Quem dera voltar o relógio da vida para desfazer as picardias do malevo que enganava as donzelas ao visitar a perdição das chinocas, ao mesmo tempo que tentava manter um enlace com todas elas, acreditando que o desaforo não seria descoberto.

Não danta tapar o sol com a peneira de alemã - como me disse o senhor Horácio - homem viajado pelas bandas do mundo velho. Uma hora ou outra, essas mulheres iam perceber e no final eu ficaria sozinho, e fiquei, aliás ainda estou. Não à procura de algum amor pra chamar de meu, e sim fico a repensar nas besteiras que realizei nesses últimos anos.

O badalar dos instrumentos do grupo motiva os gritos pelo lugar, fazendo a exaltação tomar conta deixando mais divertido enquanto o prato cai na hora certa. O sorriso pela balbúrdia me permite degustar a comilança sem reclamar, pois era tudo o que eu queria depois de uma semana de trabalho e sem problemas maiores, é como se nada de ruim pudesse me atingir. Estou crendo que o patrão-velho descansou o relho no pangaré aqui, acho que tem gente pior para levar a espora que recebi dessa vida, ainda tenho que ajustar as rédeas de um bom caminho.

Nessa graça peço mais da água boa pra quebrar o bico e sigo observando o furdunço dos que se exaltam batendo o punho na mesa e também aqueles que levantam para o céu. Mais um gole e a carne desce escorregando pela milonga do violeiro no tablado, canção em canção trazendo alegria aos desgarrados de uma noite mansa, no entanto fria.

Ao fundo percebo que inicia uma jogatina entre cinco, me parecendo truco, valendo até a mãe de cada um pelo griterio que se sucede. O ambiente chama por uma partida, só sei que não faço mais apostas, meus mil réis são para comer e beber. Já me perdi nesse tempo de querer parecer o garanhão com olada.

Limpo o bigode da graxa na roupa do braço e bato o pequeno copo ao balcão. As palmas do fim de mais uma melodia me recorda que o tempo voa e devo retornar em breve, já que a estrada é longa com o passo mais lerdo da bebida. Apresento o dinheiro após mais algumas doses do líquido bueno.

- Fecha a conta patrão. – aviso logo.

- Pois já Tibúrcio? – pergunta alegremente o bolicheiro.

- Sabes que amanhã tenho coisas a tratar na estância. – respondo com o mesmo sorriso.

Recebendo o troco de uma noite divertida, baixo meu lenço para deixar bem ajustado ao pescoço e puxo o meu chapéu para agradecer pelo atendimento. Sabe ele que semana que vem tem mais e me levanto do banco em direção da porta. Escuto os últimos gritos de quem ganhou a rodada e o perdedor irritado bate com o punho na mesa. Os agradecimentos do grupo musical demonstram nos assovios que tiveram sucesso no gracejo da ocasião. Abro a porta para a saída chamuscada e novamente o bravo vento grita nesse íterim, assim os cavalos daqueles que deixaram pelo lado de fora relincham com a bufada do frio, sendo que o pequeno estábulo para deixar os mesmos não é aconchegante o suficiente pelo pisar das ferraduras no chão, nessa hora sinto como é importante cuidar da sela com o pelego de ovelha para aquecer os pobres animais.

E o meu caminhar demonstra que posso ter passado um pouco da linha do álcool, deixando o suficiente para me aquecer para trás. Bom, me recordo para o retorno sadio até meu recanto procurando a estrada velha, onde a areia com terra se atropela trazendo barulhos que fazem a minha imaginação acreditar em qualquer coisa.

O chacoalhar das folhagens no arvoredo mexe comigo, mas não acredito em assombração e começo a tocar na guaiaca enquanto não paro o meu caminhar. Fico a pensar nos tempos que tive de cortar carne nos campos para sobreviver dos animais silvestres, e o fogo deixou um sabor glorioso dos cervos que capturei.

Segue o som e confirmo, há algo além do vento nas folhas, assim já puxo meu punhal para assegurar que permaneço vivo em mais um dia nesta Terra.

Guaieca na Estrada

Quando um cessar do minuano ocorre aquilo salta em minha direção e surpreso começo a rir já guardando minha proteção.

Um cachorro com um ar sorrateiro e língua de fora deve ter farejado a carne em meu bucho, ou no que segue pelo bigode. Ele se aproxima de mim e percebo uma pelagem um pouco fina, e o olhar do cusco é de alegria por ter me encontrado. Rebaixo o joelho ao chão com um pouco de atraso pela tonteira e recebo lambidas no rosto e bigode, entendo que um pouco de graxa deve animar qualquer bichano. Passo a mão na pelugem e o rabo está como um saracoteio de felicidade, logo penso eu.

- Será que o teu dono não está te procurando Guaieca? – explano ao animal.

Me levanto com a mão no chão para ajudar, e bato as palmas para esfarelar a areia, desta forma escuto o latido.

- Au, au!

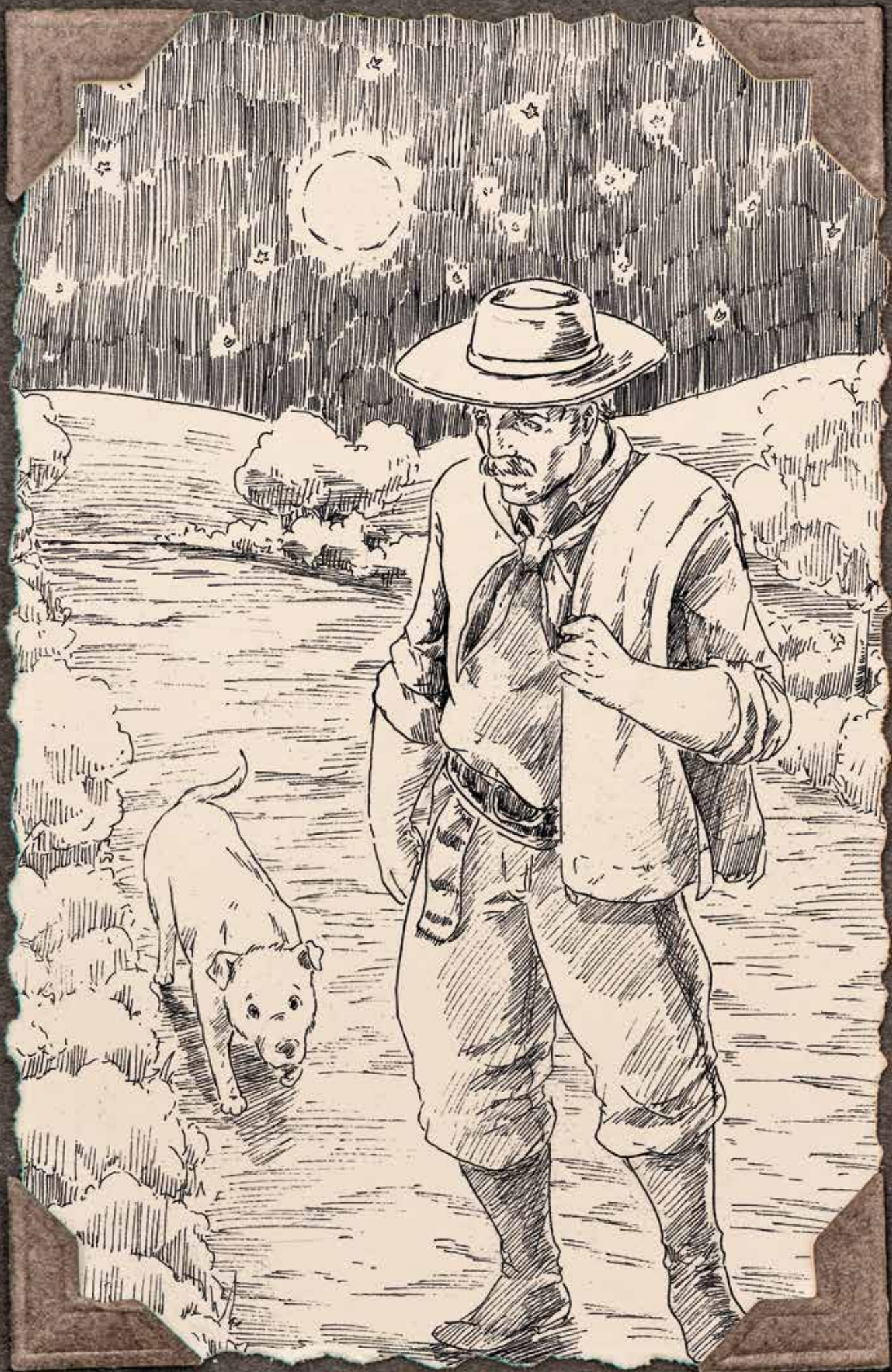
É uma resposta de quem parece gostar de minha pessoa. Sorrio brevemente, mas recordo que a estrada não encurtou e como estou sem o meu pinga então devo me apressar. Aponto ao cão para seguir seu rumo ou voltar de onde veio. Nenhuma resposta parece alterar a posição dele que senta olhando diretamente aos meus olhos ainda com a sua língua do lado de fora, com o respirar gelado dessa madrugada. Dou um passo forte ao chão para ver se ele se manca que tem que retornar ao arvoredado, mas ele somente levanta e aproxima-se de mim como que quisesse me seguir. Com o dedo indico pra voltar e fecho a sobancelha de forma irritada, ele para e rebaixa o olhar para o lado. Acredito que entendeu a mensagem.

Sigo para frente e reparo que não tem passos pequenos me acompanhando, meu olhar permanece no horizonte e o vento recomeça a bradar atravessando os galhos, fazendo eu apressar o trajeto já que a friaca não tem perdão de quem está pelos campos. Até que paro o olhar e me recai um pouco da culpa da ordem disparada.

Não descanso muito em olhar para trás e vejo que o guaieca volta a correr alegremente em minha direção, como se esperasse eu sentir o remorso da decisão, e aquelas patas batendo na areia me fazem sentir uma alegria de quem possa ter ganho um grande presente de natal, talvez aniversário. Um companheiro que mal sentiu meu cheiro e seguiu-me como uma ovelha ao pastor, seu rabo segue chacoalhando e o focinho recosta em minha bota, sem deixar de caminhar adiante, creio que na cabeça dele deve imaginar que tenho um cantinho quente para viver do que a relva que era possível o seu lar.

A força do vento algumas vezes faz o bicho corcovear e voltar pelo meu outro lado com a mesma alegria, dando uma vez ou outra um espirro pelo inverno que ainda não desgarrou, ou quem sabe pela poeira que levanta acaba gerando o incomodo.

Pelas costas abranjo que a iluminação me clareia a visão, onde nem a bebedeira conseguiu deixar mais turvo do que de costume. As orelhas do guaipé levantam em alerta pelo barulho lá ao fundo, onde um certo griteiro que se forma de maneira lenta, contudo para esses animais é tudo mais desenvolvido que para nós.



A algazarra toma conta do que percebo adiante, onde consegue esconder o barulho do passo pesado das carroças. Continuo o caminhar sossegado com meu companheiro pelo lado, só que o rosnar dele demonstra que coisa boa não vem chegando. Talvez sejam bêbados que transitam em meio a estrada, pois vejo a garrafa sendo jogada ao chão e quebrando, com isso o guaiepeca começa a latir, porém assovio pra ver se ele se aquieta sem causar confusão, e nada.

- Não sei o que passou naquela cabeça, hahaha! – homem dentro da carroça.

- Êtcha! – o rapaz responde ao homem.

- Ick. – soluça o homem.

Pela risada, compreendo que ele está muito pior que eu, talvez o cheiro da sua boca seja sentido e o latido é a resposta do cão. Sem ter a noção de espaço os cavalos conduzidos pelo mesmo patife começam a ser trazidos em nossa direção pelas rédeas, como de propósito.

- Êpa, cuidado. – o mais jovem exclama.

- Oooo! – grito logo.

Vejo a cara inchada do quase putrefato barbudo com um olho caído, que grita, enquanto disputa com mais ferocidade com o som do canino que escapou da roda quase ter amassado seus ossos, que raiva me sobe até a cabeça.

- Sai daí sarnento. – esbraveja o homem bêbado.

Fecho a cara como se a vontade fosse de estourar aquela fuça com uma arma de fogo, logo ele percebe isso junto com o rosnar do cachorro que teve de parar a carroça puxando o arreio. O jovem entende a posição do que está acontecendo e tenta intervir ao homem mais velho.

- Pare meu pai, não invente. – jovem rapaz.

- Vou te mostrar... uma coisa guri. Fica aqui! – homem bêbado.

Continuo a caminhar, no entanto escuto a tentativa do homem mais velho de descer de sua carroça surrada. E o seu filho tenta parar o maleva, sem sucesso. As botas tocam o solo e não viro o rosto, nem mesmo o guaipé. Sentindo que está sendo ignorado o borracho grita de longe para prender a minha atenção.

- Ei! Para aí seu...seu canastrão. – homem bêbado.

Sigo os passos, pois hoje não quero encrenca, tenho que chegar ao meu pago e não tenho tempo para esse tipo de calhorda.

- É um borra bosta, não é mesmo meu filho? – o homem segue invocando.

- Pai, o que é isso? – o jovem ainda na carroça repreende o seu pai.

- Segue teu rumo, seu puto de merda. Hahahaha, tua mãe te cagou no parto. – intica o homem.

Paro, me viro e queimando como um fogo de chão, decido não deixar essa pra lá essa desforra.

Ao mesmo tempo que meu Guaieca se arranca nas botas do homem desalmado, mordendo como se fosse o osso mais duro desse mundão. Nesta hora retiro da bainha o punhal que chama a atenção do jovem que grita e na mesma hora vai pegando alguma garrafa nas trouxas que levavam, pelo barulho que faz.

- Paaaaai! – jovem.

- Vou te mostrar uma coisa seu canalha! – com ira nos olhos respondo ao homem.

- Sai pra lá bicho do inferno! – o bebum grita com o cachorro.

Miro no bucho do velho homem e recebo uma pancada de uma garrafa que desliza direto na lâmina fazendo um breve corte superficial na pele do desgarrado. Ele acaba por jogar longe o bichano, enquanto acerto com o braço fraco um soco na cara do matungo, e seu filho se joga em cima de mim para evitar mais cortes ao seu patriarca, que fica olhando um pouco do vermelho tomar conta de sua roupa.

Rolo um pouco pela viela e rapazote me acerta um golpe na cabeça, quando tenta o segundo, o cusco veio e se joga nele para morder, assim consigo me levantar. Meu sangue está fervendo e não percebi que pelo caminho vinha um transporte dos guardas que deviam estar de olho na carroça pelos restos de vidro jogados ao longo da jornada.

- Prrriiiiiiprrriiii – do aparelho sonoro de um da polícia.

O apito rompe aquela briga toda no meio da madrugada, com a iluminação que Deus permitiu no céu. Os homens da lei chegam para segurar o rapaz e afastam das tentativas de mordidas do cão. Outro responde para que eu guarde o meu punhal antes que ele use a força de lei que a governança lhe permite e uma arma de fogo é apontada contra a minha cabeça. Um terceiro já está com o velho homem sob sua mira.

Coloco ela na guaiaca, e bato na minha roupa para tirar a poeira que tenha ficado, o rosnar do animal demonstra que não gostou nada do que está acontecendo. Por eu ser o único com arma na briga, o sentinela pede que eu coloque as mãos para frente, não demora muito sinto as algemas juntando meus pulsos e sou conduzido até o veículo deles.

- Aquele homem é teu pai, rapaz? – pergunta o policial.

- Sim, meu senhor. – responde já de cabeça baixa.

- Vamos leva-los na carroça de vocês até a delegacia próxima. – responde o homem da brigada. – lá ele vai ter atendimento especial para o ferimento.

- E aquele... sem vergonha? – pergunta o bêbado.

- Ele irá no nosso veículo. – afirma o outro vigilante.

Ao adentrar no carro do pelotão, pula para dentro o guaipé, nada que os outros dois abas largas se importassem e dando a partida - ronca o motor - mas esperam que os cavalos da carroça vão na frente para que nada saia do controle deles. O animalzinho senta ao meu lado com um olhar de pena.

Sinto que a noite vai ser longa...

Prisão

O trajeto segue trepidando pelas pequenas pedras que as rodas têm de passar, a iluminação é pouca e pelo visto o condutor conhece bem por essas bandas não se deixando enganar pelas folhagens que chacoalham nessa noite fria. Certas vezes saltamos do banco e o cusco late por não achar um bom local para ficar, até que se aquieta próximo das minhas botas ao chão.

- Xiii, fica aí! – respondo.

- Fica quieto. – o homem da brigada repreende.

- Ele está agitado senhor. – replico ao homem.

Nessa hora ele vira seu rosto novamente em direção a estrada com a companhia ao lado do homem no volante. Percebo ao olhar pra baixo que o nobre guaieca sossegou sentindo seguro com a minha presença, ou será o contrário?

Em pouco tempo a carroça a frente para e desce o dito cujo com a mão na barriga e seu filho acompanhando, seguiam até a delegacia com a sua iluminação. Paramos de imediato com o silêncio que o motor faz ao desligar, ambos guardas saem pelas portas e o que dirigiu o veículo me conduz para fora e logo vejo que o cachorro pula junto, com uma diferença de passos ambos somos levados para falar ao delegado.

Entro no recinto com as mãos para frente, seladas pelas algemas de ferro. O local é bem iluminado e grande, algumas pilastras no meio para sustentar o teto, com bastante pedras e cimento, ao me virar para o lado vejo as grades da prisão do local, sendo observados por outros guardas que transitam cuidando dos que estão atrás. Não consigo enxerga-los direito, e nessa hora sou chamado a atenção.

- E este aqui, o que fez ele? – o comandante pergunta.

- Esfaqueou a barriga daquele que está sob cuidados, senhor. – explicou o copiloto.

Olhando diretamente para mim, o homem sentado na cadeira anota os dados que vão sendo respondidas, até que sucedeu que parei e resolvi questionar.

- Mas, delegado eu o fiz para me defender. – respondo.

Ele levanta a sobancelha e senta um pouco para trás, largando a caneta-tinteiro e entrelaçando os dedos das mãos que ficam em cima do papel de anotação. É um homem com seus cabelos e bigode esbranquiçados pelo tempo, e com as linhas mais profundas que as minhas.

- Não sou delegado, e sim coronel de regimento. Persegui Prestes nas Missões, no Combate da Ramada. – afirma o coronel com total segurança.

- Peço desculpas, não quis ofender. Me falta o conhecimento senhor, sou homem do campo. – explico ao comandante, já baixando a cabeça.

- Não sou de brigas, trabalho na estância... – já levanto a cabeça.

- Não é o que parece. – replica o coronel.

- Vejo pelo seu nome e sobrenome que tens registro na Brigada. – conclui o comandante.

- Ah, meu senhor. Na juventude eu era muito xucro, brigava com tudo e todos por quase nada. – respondo, abrindo as mãos em direção ao homem da farda.

- Hoje, já tenho a cabeça no lugar... – explico ao militar.

O som do risco da caneta-tinteiro parece me sentenciar a algo que não é verdade, mas sinto a cabeça do cão ao meu lado olhando para mim.

- A ponto de passar a lâmina na barriga do homem. Bom hoje a noite tu pode se juntar aos demais atrás das grades, amanhã eu vejo sobre a tua liberação, já que tem um sangrando por aqui. – comenta o líder do destacamento.

Sou obrigado a deixar minha faca em cima da mesa. Fui pego pelo cangote e empurrado na direção duma cela em separado dos prisioneiros, enquanto outro militar vai abrindo com a chave a grade que me separa da liberdade, que todo homem almeja permanecer. O temor do ocorrido me faz ficar mais teimoso e pesado para não entrar lá, e vejo que um dos milicos, ao qual apontava a arma para um dos presos, mira para o meu lado e acabo por não resistir entrando na escuridão, e entre as pernas de todos o cachorro entrou junto comigo sem pestanejar. Latindo ao passarem a chave por nos encarcerar aqui e também para tirar as algemas, o novo companheiro não deixa por menos mostrando que não concorda com o que ocorreu. Está mais para aqueles defensores que o seu trabalho é tirar o pessoal daqui.

- Deixa pra lá. Eles não aceitam a palavra de um homem. – respondo ao animalzinho.

Para tentar descansar um pouco, vejo que há uma espécie de pano com palha embaixo próximo a parede, sinto que é o conforto que terei até o dia seguinte. Sento ali mesmo e me parece que fui amassado por uma boiada ao ter ocorrido tudo isso. Cruzo a perna esquerda por baixo da direita que mesmo com as botas me mantém aquecido, no momento que me aquieto o bichano se aproxima e suas patas tentam achar a melhor forma, dando algumas voltas ele logo deita seu corpo próximo a parede, dando uma bufada de leve, percebendo que o tempo vai passar lentamente para nós dois.

Minutos depois um dos guardas me pergunta se tenho sede e fome, balanço a cabeça de maneira afirmativa, então retorna com uma caneca d'água e um prato no que parece uma sopa. Experimento, bebendo direto do prato e sinto não estar quente, mais morno impossível. Olho para minha nova companhia que vê a minha fome, ofereço para ele que vira a face, creio que uma carne assada bem temperada é o que passa na sua cabeça, nem mesmo um osso aqui tem, é um alimento humano, nada que lhe chame a atenção. Termino logo e bebo a água que desce de maneira difícil com goles pesados, no entanto isso já mata a minha secura, que não imaginava uma situação como essa, se poderia me acontecer. Deixo tudo próximo das grades para mais tarde ser recolhido por algum dos oficiais e retorno na mesma posição de antes.

Vejo que o guaipé olha para mim e baixa de novo sua cabeça voltando seu corpo para si, eu olho para cima querendo voltar para o meu caminho, mas sei que não funciona dessa forma, a lei parece não defender o homem de bem hoje em dia.



Em pouco tempo o peso dos olhos toma conta de mim e me ajesto para descansar, pois até as conversas dos guardas não me impedem de dormir. Junto os braços, agora sem as algemas, ficando mais fácil para deitar o cabelo.

Certo momento escuto alguns barulhos que me fazem acordar com os olhos deveras cansado e nisso percebo o blasonador que quase estribuchei, já tratado e também é levado a uma outra cela um pouco distante da minha. Eles devem imaginar que vou revidar mais ainda nesse animal matungo, tenho mais o que me preocupar, até amanhã de manhã tenho que incomodar o patrão, não vai ser fácil. Outro que entra na roda é o rapazito, deveras desolado por estar naquele lugar, mas vejo que é mais para aquietar o pai do que pelo crime de defender seu velho. Volto a fechar os olhos, assim como minha companhia esperando algo de melhor acontecer.

Ao despertar dos pequenos raios de sol que brangem o lugar, a luz passa direto sobre meus olhos acordando de um pequeno cochilo e olho os guardas que estão trocando o seu turno, um deles já traz o verde para um dos seus companheiros. O sabor parece escorrer pela minha garganta, mesmo não tendo como beber, além do cheiro de um café recém feito por eles me aquece a ideia do desjejum aos presos. Segurando com as mãos nas grades, coloco a cabeça entre os espaços e chamo a atenção dos homens ali mesmo.

- Ei, tem algo pra beber? – pergunto a um dos militares.

O que estava com a caneca já com o aroma do preto, se vira em minha direção e avisa diretamente pra mim.

- Em primeiro lugar, é senhor. – alfineta o guarda.

- E depois, só tem água. Bebidas como essas são para nós. – responde logo após.

Minhas mãos escorrem pelo metal e aquilo me cai como uma bomba na cabeça. Como podem manter alguém assim, digo, ninguém vive dessa forma. Nessa hora ele retorna a conversa com seu colega sorrindo pelo lado, eu caio ao chão pensando que será meu fim aqui. Não entendo nada de justiça, porém não isso não é justiça é condenação.

- Se acostume amigo, é assim mesmo. – um preso ao lado responde.

Logo ele vira para a sua cela, antes eu percebo um olhar cansado e sua barba grisalha demonstram que ele não está há pouco tempo aqui não, talvez meses. Algo que não vou deixar acontecer comigo, só penso se eles vão aceitar a minha proposta.

- Senhor! Como faço para que alguém avise o meu patrão que estou aqui? – pergunto tentando chamar a atenção do mesmo guarda, falando em um tom mais alto.

- Tem como alguém levar uma correspondência oficial até ele, senhor? – questiono esperando uma resposta dele.

O homem com a arma em seu ombro e a caneca de café encerra sua conversa e vem em minha direção calmamente, o aroma me desperta cada vez mais. Sinto o cusco remexer da sua posição pela presença do oficial, querendo iniciar o seu grunhido.

- Vou ver o que o Coronel pode fazer por ti. – a resposta dele é ríspida.

Fome

Cada momento que se passa aqui parece uma eternidade, nunca imaginei como seria a vida na prisão e hoje estou nela, vivenciando o sol bater no meu rosto e muito menos com um companheiro como esse. O patrão-velho deve querer que eu pague meus pecados antigos por tudo que fiz de errado. É como se me passasse imagens pelos meus olhos, do guri com cara de peste, depois já na mocidade aprontando bastante, principalmente pelo desejo que nascia pelas moças que encontrei nesse Rio Grande além das chinas nas perdições e por último já mais adulto tendo o trabalho como necessidade para comer, dormir...viver. A minha barriga começou a roncar.

Logo chega um prato com pedaços de pães para todos os que estão atrás das grades, agradecemos é claro e uma caneca de água que recebemos para beber. O guaieca abre os olhos e o rabo começa a chacoalhar, percebo que ele se aproxima e divido com ele, nos deliciamos imaginando ser o melhor desjejum, um banquete, chegando a lamber todo o pequeno prato. Aos poucos uma amizade sincera entre homem e animal se confirma.

Eles vêm recolher os pratos e canecas de cada um, e meto a perguntar.

- Meu senhor, quando vou poder ter a chance de avisar o meu patrão? – ainda segurando o prato.

- O coronel está quase se liberando dos afazeres de manhã cedo e logo irá ver alguém para ir até onde precisas. – responde puxando o prato em sua direção.

Rebaixo a cabeça entre as pernas, ao mesmo tempo que passo o braço pela boca para tirar os restos de farelos que podem ter ficado no bigode. Não demorou muito até que o caudilho vem até a minha cela, de imediato o pequeno rosna em direção dele.

- Senhor Tibério! Onde é o local para enviar um dos meus até o seu patrão? – a pergunta é ligeira.

Dado as informações da estância do senhor Osvaldo, o oficial ao lado do coronel anotou tudo em uma folha que recebe a assinatura do chefe da repartição, assim após a continência escuto o homem pegar o seu cavalo e sair em disparada para quem sabe ter a minha salvação daqui.

Os murmurinhos entre os presos da outra cela chegam até meus ouvidos, como reclamações por ter uma chance de escapar deste lugar.

- Pelo visto teu dono tem muito dinheiro... – um dos presos comenta.

- Eu tenho trabalho, sou peão do estancieiro, não um patife. – respondo na hora.

- Mas eu não lambo o prato que cachorro come. – outro replica já começando a rir.

- Hahahahaha – de todos.

- Eu comi ant... – paro na hora de responder.

Penso eu, não vale a pena discutir com esses bagual, são tudo farinha do mesmo saco.

Passado um pouco mais de tempo, ainda de manhã visto que o homem estava melhor e mais calmo, seu filho conversa com o guarda que vai abrindo a cela para que ambos possam sair já em suas liberdades. O coronel entrega dois papéis que ambos são marcados em seus dedos com uma tinta preta, ao qual apertam no papel e ficam a olhar os seus próprios dedões.

Eles olham para mim, enquanto são conduzidos pelos guardas para fora da repartição e seus cavalos parecem ter passado a noite do lado de fora já que escuto o subir em cima da carroça. Aos poucos o som dos passos dos animais fica mais silencioso até que some em meio as conversas do ambiente. Vi nos olhos deles que a vontade era de arrebentar os beiços, porém uma noite na prisão muda qualquer um, inclusive eu. Coisas que aprendemos no lombo do tempo, e no mais, ficaria um período maior aqui dentro aumentando a pena.

Assim a manhã se vai e a fome vai aumentando, imagino que pelo menos um almoço teremos, e resolvo tirar isso a prova.

- Seu guarda, aliás, senhor guarda. – chamo a atenção de um deles.

- O que quer? – pergunta o mais jovem deles.

- Ao meio dia servem almoço? – questiono ele.

- Acha que aqui é a casa da mãe Joana? – replica o mesmo rapaz – O café da manhã é a principal refeição de vocês.

- O quê? – o desespero toma conta da minha pergunta. – Assim vamos morrer sem comida.

- Não se preocupe, terão algo especial que preparamos para tipos que ficam por aqui. – explica o oficial.

- Ah! Outra coisa, quero usar a patente. – digo de vereda.

Sou levado para fora da cela, sem algemas graças a Deus, ao mesmo tempo o guaipé permanece lá dentro. Ao lado externo da repartição, mais ao fundo há uma casa de madeira, onde entro e dois militares ficam de guarda ao lado de fora.

Terminado o fato sou acompanhado até a volta para a cela onde o cachorro ficou esperando, e quando retorno ele cheira as botas, pernas e dá uma leve bufada, enquanto seu rabo segue chacoalhando de felicidade pelo meu retorno. Peço mais uma caneca de água, pois a sede vem chegando já que o vazio da barriga continua. Brevemente recebo, bebo metade e deixo o demais para o cão que lambe diversas vezes ali, quando termina, joga por cima do seu pelo o restante, ele pula e consigo soltar um sorriso de leve em meio a essa situação.

Devolvo a caneca para um dos guardas, agradeço e logo mais vejo que chega a hora do almoço, quanto mais se aproxima fico a imaginar um tanto succulento, contudo por terem avisado que será um “algo especial” não posso me alegrar muito, assim tenho que ser mais realista, coisa que nunca fui, sempre agi pela emoção, pouco pela razão e o que me levou...até aqui, por exemplo.

O prato é entregue e olho para o lado, vendo meu amigo que também está com a língua de fora esperando o alimento com aquela cara esquisita. Passo a mão na cabeça dele e vejo no olhar que não se importa em comer pouco.



Eles não foram mentirosos, o ajuntamento dos grãos está mais para uma ração animal, mas o sabor até que vale, contudo não é muito e reparto com o guaieca que se delicia com tudo que entra em sua boca. Rapidamente terminamos e lambo o prato, depois ele faz o mesmo. Olho para a cela ao lado e os outros estão preocupados com o comer e nem dão mais bola para o faminto aqui.

Peço um pouco mais de água na caneca velha a um dos guardas, e sou atendido, agradeço pela ajuda e bebo de novo metade, para baixar o rango. E no demais o cusco lambe tudo o que a língua alcança, passando depois nos dentes para deixar bem limpo, após isso olho para o lado e jogo o pouco que sobra ao chão para ver se seca com o sol que bate na parte próxima da grade. Devolvo ao guarda, com gratidão pelo favor do mesmo.

Vejo que chegou o momento dele de fazer o seu, só que por não falar, vai ao fundo da cela e levanta a perna traseira jorrando aquele jato na parede, fazer o quê? Ele não tem o seu lugar certo para mijar, então achou o seu canto.

- Vai esperar ele cagar aí? – pergunta o preso na cela ao lado.

- Fede menos que o lado daí. – dou-lhe um coice na resposta.

Tenho que me calar, não adianta eu dar trela para esses aí, e nunca sair daqui. Vejo que o coronel observa tudo que se passa entre nós e se eu não me ajudar creio que nem pagando terei a liberdade.

Assim escuto a cavalgada da chegada do oficial que foi levar a informação que eu estou preso na repartição, ele faz continência ao superior e conversam entre si alguma coisa que não consegui entender, devido aos assuntos dos guardas e dos presos próximos, onde xingam, discutem e riem uns aos outros.

Ele novamente faz continência e o coronel dispensa-o pela sua serventia, tento observar o que acontece, e recebo algumas lambidas do guaipé me tirando a atenção. Fujo pra lá e pra cá mas ele é insistente como carrapato, até que resolve parar e vejo o líder levantando da cadeira, vindo em minha direção.

- Senhor Tibério! – o coronel me chama.

- Sim, senhor. – respondo atentamente em pé.

- As suas informações são verídicas referente ao lugar de onde mora, do seu patrão e tudo mesmo. – continua o homem da alta patente - No entanto recebemos a explicação do senhor Osvaldo que o dono da estância aguarda a chegada do seu filho vindo da Europa e só vai conseguir se liberar assim como suas empregadas no domingo. Terá de aguardar um pouco mais para isso.

Recebo isso de maneira triste, mas me recordo dele ter falado do seu filho na hora do almoço, só não sabia se era algo pra já.

- O seu senhoril já estava de saída mesmo para a cidade de Rio Grande, a fim de receber seu descendente no porto. – conclui o coronel.

- Entendi! Agradeço por terem feito isso, senhor. – respondo com olhar cabisbaixo.

Ração

O homem retorna para sua mesa e cadeira, ao mesmo tempo me viro em direção ao centro da cela, além de observar o guaieca chacoalhando seu rabo e ao lado dele um barro que saiu do seu corpo. É... vejo que ele tentou me avisar para sair para o mato naquela hora das lambidas e eu não consegui entendê-lo, falha minha. Mesmo assim me vejo a rir pelo canto da boca, também acabo por olhar ao lado e vejo que os outros presos não prestaram a atenção “ainda”, mas eu sou acostumado com o cheiro de estrume no campo, da lida diária do trabalho, imagino que esses outros são uns desocupados que beberam mais do que a conta e aqui estão.

- É o que temos para o momento... – de olhos fechados comento para mim mesmo.

A cansa da noite mal dormida começa a recair no couro, ainda pela fome ou também o trabalho que a pouca ração faz na minha barriga, apagando a cabeça. Bocejo e arrumo melhor o pano velho com palha, imaginando que vou me deitar sob a sombra de uma figueira nessa tarde. Quando me ajeito o bichano se recosta na minha cabeça como um travesseiro de penas que os ricos como o senhor Osvaldo devem ter.

Um pouco da luz do sol bate no meu rosto e quando me viro tem uma casa de madeira bonita com a porta aberta e uma moça bem vestida de cabelos negros a minha espera com o chimarrão pronto, além de um cachorro que corre a minha volta e depois dispara para o outro lado da casa, e logo depois eu escuto um uivo diferente, de dor. Quando chego ao lugar o céu escurece com a lua vermelha brilhante e sinto algo molhado no rosto, ao olhar para os dedos tem sangue e fico paralisado até abrir os olhos e ver que o cusco está me lambendo sem parar. Bah, eu acreditando que teria um sono bom, acho que na prisão ninguém tem sonhos agradáveis, isto é um devaneio.

O sol já se foi, sinto que dormi demais, as luzes do local estão acesas, a noite já caiu, o frio veio novamente para gelar os pés, e o barulho de pequenos trovões tomam conta dos meus ouvidos. É, a chuva vem chegando para deixar mais animada essa chona, só o problema agora será a falta de sono por ter descansado muito. Novamente a barriga ronca, e decido me levantar, esticando as pernas eu peço a atenção do oficial de menor cargo que vem em minha direção para atender.

- Senhor, teremos janta hoje? – com a humildade do meu ser eu pergunto.

- Só ração, como de costume. – ele responde com firmeza.

- Tá certo, e a patente? Posso usar de novo? – pergunto segurando nas grades.

- Quer ir no meio dessa tormenta? – o oficial pergunta.

- Preciso! – respondo com total certeza.

Eles abrem a cela e com suas armas apontadas para mim, dizem que irão me acompanhar com a mira de suas armas. Creio que pelo bom comportamento dos últimos momentos me permitiu essa liberação, sem algemas e baixo a cabeça em forma de agradecimento. Caminho em direção a casa e sentir a chuva forte cair sobre mim é algo maravilhoso, percebendo que a liberdade de um homem é a sua maior riqueza.

Passado o tempo necessário, retorno calmamente ainda sob a mira de suas armas, mas com a certeza que nenhum tiro será dado, nem de advertência, pois não sou homem que precisa desse tipo de aviso para me alinhar, o próprio tempo e vergonha na cara foi me colocando nos trilhos.

Piso na repartição novamente e sob os olhares do coronel que observa os meus passos e escuto os latidos do guaipé que após me encerrarem na cela, passando a chave, ele corre em minha direção para lambear minha mão. Outro oficial entra rápido no local, dizendo que os cavalos já estão seguros na estrebaria militar. Me sento ao chão e percebo que os dedos dos pés doem, por não tirar as botas desde a noite anterior, resolvo dar um descanso para eles e sinto que uma unha encravada começa a latejar do lado direito. Essa noite vai ser daquelas.

Mais um relâmpago craveja no céu e escuto ao fundo uma exclamação.

- Santa Bárbara!

Não vejo quem comenta isso, mas até mesmo na prisão os bandidos têm fé. Uns que outros acabam por criticar o homem que diz isso, enquanto outros riem para rebaixar aquele que exclama.

Logo um barulho nas grades nos chama a atenção. A comida chegou. Recebemos a mesma ração do meio do dia, de pouca quantidade, mas agora qualquer coisa é agradecimento. Antes não percebia muito sobre as quantidades do que são fornecidos, só que ao olhar para o lado na cela vejo que é pouco e na comparação ao meu prato tem um pouco mais, se não me falha a vista.

No momento em que estou comendo, vejo que a briga segue entre os homens nas outras celas e começo a entender do porquê estou sozinho nesta com o meu cão, que late um pouco para tentar calar as bocas desses imundos. Ao terminar deixo no chão o prato e enquanto o alimento é digerido pelo animalzinho, eu bebo um pouco mais de água, limpando novamente a cara e o bigode, estando pronto para tentar descansar e imaginar um dia melhor neste domingo, onde pode ser que tenha a presença do patrão para me liberar.

O cusco com seu focinho e língua terminam a refeição e na hora que sua limpeza de dentes ocorre, eu passo a mão em sua cabeça, percebendo que a pelagem está se soltando e que ele vai precisar de cuidados... quem sabe.

Sou surpreendido com o guarda recolhendo os pratos e canecas, como deixo sempre perto da grade não há discussão, já em outras celas a coisa às vezes requer um jeito mais bruto. Volto assim para sentar no pano velho, mesmo estando molhado e coloco as botas.

Os raios não param, e muitos presos decidem descansar, mas a mim o sono não me encontra e fico a olhar os guardas jogando cartas e lembrando das vezes que nos botecos sempre tinha uma jogatina para passar o tempo. Quando o olhar volta para o meu hoje, reparo que um militar calmamente traz um prato de ração, estando ele com um olhar sério. O meu companheiro vai até lá e consegue morder a borda da travessa e calmamente chega até a minha pessoa deixando ao chão. O pouco de vezes que este gaúcho derramou lágrimas, entrou na lista o dia de hoje. Olho para os lados e vejo que estão dormindo aqueles que poderiam criticar a atitude da polícia, que se volta para os seus jogos sob a iluminação do lampião a querosene, onde a escuridão da minha cela me permite não ser percebido.



Olho pra cima e saboreio com mais ardor, como o meu companheiro não se aquietava, deixei um pouco ao chão. Assim desceu mais agradável essa boia no meio da madrugada, e parece que o bicho é tão inteligente que após terminar a sua parte, morde novamente no lado do prato e deixa na grade que é recolhido pelo militar. Baixo a cabeça em forma de agradecimento por entender que não sou um malfeitor como esses outros aí e sim, apenas mais um dos que acabam por passar da conta quando o álcool já tomou por completo o corpo do infeliz.

Acho que consegui encher um pouco mais a barriga, mesmo que para um final de semana já teria me esbaldado em carne de gado e bebido diversas vezes o amargo para acalmar a alma, no fim uma bergamota pra deixar aquele sabor na boca. Ahhh! Outra coisa que já estou sentindo falta é o meu palheiro.

Devagar o sono vai tomando conta do corpo e me aquieto para ver se me recordo das milongas noturnas, trazendo alegria ao pobre solitário aqui. Nem tanto agora com esse baita parceiro que arrumei, nunca vi um animal tão rápido criar amizade, é como se eu tivesse que encontrá-lo naquele caminho.

Os pingos mais acalmados me acordam e pela primeira vez não recebo lambidas de recepção. Ele ainda descansa no cantinho e nesse momento dou um espirro alto que o desperta. Tomara que não pegue uma moléstia por aqui, é só o que peço para não ficar bichado, porque voltar com isso pra estância não é nada bom, quero estar bem pra desculpar pelo ocorrido ao senhor Osvaldo, não imaginei que fosse dar tanto trabalho a ele.

Recebemos o desjejum, mesmo de ontem com pedaços de pães com água para descer o alimento, sem reclamar os presos comem e eu agradeço novamente pelo sustento, sem isso não ficaria em pé mais. Devo guardar energia para hoje ou quem sabe amanhã no máximo, fico pensando, será o patrão que virá me buscar, ou seu filho? Enfim, não me cabe imaginar.

Aos poucos a chuva cessa, e os raios de sol rompem as nuvens e o canto de alguns pássaros tomam conta do ambiente deixando ele mais ameno, só são cortados pelos poucos latidos do guaieca que parece querer também a liberdade para correr atrás das aves, devia fazer muito isso antes d'eu encontra-lo. Mais um jato de urina ao fundo da cela e logo a ração do início da tarde é consumida por nós, percebo novamente que a minha porção é maior do que aos outros, muito se deve por eu dividir com o cachorro e isso sob os olhares dos homens da lei tem peso.

Certa hora da tarde, um dos guardas informa que perdeu uma das chaves do carros e a busca se torna um atrativo para nós que estamos nas celas. Há uma certa revista em nossas coisas e roupas, além de conferência se por algum motivo tivesse esse objeto conosco, mas nada. Até que solto o verbo.

- Pede pro negrinho do pastoreio ajudar.

A risada toma conta da repartição, tanto da parte dos guardas, como dos presos, devido ao ocorrido o latido do meu companheiro mal se escuta.

De Volta para Casa

Cada vez menos as gotas da chuva caem da parte de cima do teto, já que o sol brilha ainda ao final da tarde. Passos dos cavalos se aproximam pelo meu escutar e são encilhados para a chegada de uma moça com sua saia um pouco suja do barro e cabelo amarrado com um coque, sinto ela um pouco cansada da cavalgada longa até aqui. Os meus olhos quase não acreditam que vejo a moça Irani chegar, e sendo recebida pelos homens da guarda. Ela retira da cabeça a leve proteção do que poderia cair dos pingos pelo caminho, um tecido leve que estava em seus cabelos. Ela deseja uma boa tarde a todos e como não é comum a vinda de mulheres a esse lugar, as tossidas são escutadas como um eco pelo ambiente.

Me levanto devagar e aprocho nas grades para ver o que se sucede. O olhar dela para minha pessoa parece como um rio calmo que deságua entre as pedras duras, escorrendo o seu leite de forma natural. A conversa com o coronel é ligeira, contudo não consigo escutar e apenas vejo o pagamento dos réis sendo realizado e formalizando em um papel que é assinado com o dedo, que seria pela liberdade do gaudério. Assim que finaliza ela de mãos juntas vem ao meu encontro e pergunto.

- E o patrão dona Irani?
- Ele foi ontem até o porto receber o senhor Horácio. – responde calmamente Irani.
- Sou grato pela vinda de vossa pessoa. – agradeço em voz mais baixa.
- Será que tem lugar para mais uma companhia? – pergunto olhando para o pequeno.

Estando próximos as minhas pernas o cachorro observa a senhoria e parece ter gostado a ponto de abanar o seu rabo e a língua estar para fora. Sorrindo, ela abaixa o corpo e passa a mão na cabeça do bichano de forma carinhosa. O oficial vem com a chave e as grades da prisão parecem que não tem mais o peso que antes me ocorria. Saio com o caminhar manco de duas noites mal dormidas, enquanto escuto as últimas provocações dos ordinários.

- Vai embora com a chinoca? – um dos presos.
- Só ela mesmo pra te tirar daqui. Hahahah. – replica outro presidiário.

Deixo eles conversando com as paredes, e ao mesmo tempo o guarda repreende a todos os que sobram do lado de dentro da cela, mas nada disso me arranca a felicidade de ver um rosto familiar, somente o guaiapé rosna na direção deles. Agradeço aos militares pelo tratamento que permitiram a minha pessoa, no momento em que meu dedo é pintado para que eu carimbe o papel e caminhe em direção a rua. Uma sensação boa toma conta da cabeça sabendo que o xucro dentro de mim, tem que ser enterrado cada vez mais, caso contrário perco a liberdade, a igualdade e a humanidade.

- Ele tem nome? – Irani pergunta tocando em minhas costas.
- Sabe que ainda não coloquei – respondo.
- Ainda estou chamando-o de Guaipeca. – afirmo com a certeza de ter um grande amigo.



Ele nos acompanha, tendo o fundo nuvens e alguns pequenos montes. Outro que está a minha espera em cima do baio dele é Tibúrcio, que foi a companhia de Irani neste trajeto. Ele baixa a aba do seu chapéu, tendo a serenidade de sempre. Como são dois os cavalos de transporte eu subo na sela do animal que ela montava, após isso estendo a mão para que ela suba na garupa junto ao guaieca no colo acompanhando a nós todos. O trote é simples e vejo a importância de ter pessoas como essas ao meu lado, não pensando em fazer mais bobagens para que se repita tudo isso e sim, para evitar que ocorra novamente comigo. Mais um aprendizado que a vida prega.

No entardecer de nuvens aos poucos vamos chegando até as terras do senhor Osvaldo, o dono que agora está muito ocupado com o retorno de seu filho. Tenho também que retomar as minhas atividades, tirar o atraso do sábado vazio. Paramos com os cavalos em frente a estrebria, desço logo e ajudo Irani a declinar do animal, sempre com o pequeno na volta que cheira tudo para reconhecer o seu novo lar. Auxílio Tibúrcio a guardar nossos transportes e agradeço pelo que fez, parece mesmo ser um bom homem.

- E o que o pessoal pensou quando não cheguei no sábado? – questiono enquanto encilhamos.

- Veja bem, achamos que tinha acontecido alguma coisa no bolicho. – responde Tibúrcio.

- Fomos lá ainda no sábado de manhã e como o bolicheiro explicou tudo, vimos que não ocorreu algo ali. – continua o companheiro.

- Até que a tarde veio e o oficial contou o que aconteceu, como o patrão estava de saída, organizou a parte financeira para que a moça Irani fosse até a repartição. – explana o colega.

- Esperamos parar um pouco essa chuva e assim partimos para te buscar. – finaliza ele.

- E como foi lá? – pergunta na sequência.

- Não é uma experiência muito boa, mas o couro aguenta. – respondo de vereda.

- A idade me permitiu não rachar mais cabeças lá dentro. Hahaha – a risada contou tudo.

Entramos pela parte da cozinha e as outras duas mulheres da casa me aguardavam com seus braços cruzados. Dona Juraci chega perto de mim com a colher de pau levantada e a vontade de bater em minha cabeça parece muito real em sua expressão. Ela retorna nas panelas para preparar a janta que pelo explicar delas, tem que estar pronta para aguardar os patrões que logo estarão por aqui.

Enfiando o focinho, sentindo o cheiro bom do lugar meu companheiro de cela observa o lugar e assusta um pouco as mulheres, no entanto a risada toma conta com o aumento para gargalhadas e a empatia dele é apreciado por todos na casa, seguido pelos latidos de alegria.

Sigo até minha choupana para lavar o couro e arrumar uma boa vestimenta, pois a janta de chegada do herdeiro será uma baita festa, e também quero me desculpar junto ao patrão pelo ocorrido, pedindo até que desconte do meu pagamento a falta ao trabalho.

Logo mais retorno ao casarão, já trajado e levado pelo cheiro bom que as mulheres realizam na cozinha, e ao fundo o som do carro do senhor Osvaldo me faz arrumar o lenço junto ao pescoço, é chegada a hora...

A buzina rompe a noite para alertar a vinda deles e assim saímos da casa para a recepção calorosa ao pai e filho com todo o devido respeito que eles merecem. Baixo a cabeça ao ver o patrão e o mesmo toca em meu ombro como se tivesse tirado um peso deles. O pequeno guaieca observava a situação sem entender toda aquela gente.

- Me ajude lá Tibério! – pede o sr. Osvaldo.

- Sim patrão! – respondo com muito respeito.

Descarregando as malas do velho Chevrolet com tudo o que o senhor Horácio trouxera, ele mesmo me abraça como se fossemos parentes. Creio que os ares de fora têm feito desse rapaz alguém diferente, pois não merecia tal cumprimento. E levo tudo o que posso para os aposentos devidos, com a ajuda de Irani e Iraci, somente dona Juraci por ser a mais vivida que não consegue auxiliar, já que o peso dos apetrechos faria um baita dano as suas costas. Aos poucos o meu cachorro companheiro começa a latir e os donos percebem que tem novos animais pela estância, senhor Osvaldo não se importou, já que gosta de cães, mas seu filho torceu o nariz para a novidade. Não passando despercebido pelo guasca que fica na volta do herdeiro que grita.

- Sai pra lá! – replica o filho do sr. Osvaldo.

Fico quieto apenas ajudando-os.

A noite segue em alegria e após terem se banhado à moda dos ricos, e já com aqueles cheiros dos tais franceses que o senhor Horácio traz. Eles começam a se esbaldar a comida e depois somos convidados junto aos companheiros de lida que chegaram em outro espaço destinado, devido a mesa não ser do tamanho ideal para todos, onde as mulheres também comem junto aos patrões, até para poder lhes servirem mais vezes. Agora meu cusco late como alguém que reclama, onde está o meu prato? Sigo pra rua com os restos de carne e ossos que junto dos colegas e largo ao chão para que ele se divirta e acalme a barriga, sei que dor é essa, há pouco tivemos ela.

Esta diversão toma conta de todo o lugar, e assim após os comes, o filho do patrão comenta tudo que se passou no velho continente, as novidades que não consigo entender do que falam sobre coisas mais tecnológicas, algo que não me chama a atenção. Sou guapo que prefere a vida do campo daqui mesmo, sem mais delongas e evitar a prisão já é coisa de agradecer ao homem lá de cima.

Nessa roda de conversa dos homens, tem uma coisa que me passou despercebido antes, mas parei para olhar direito como a moça Irani tem me tratado bem, na verdade sempre isso aconteceu, porém como sou xucro essas coisas não estão na frente da minha cara, tenho que tomar do jeito grosso para reparar. Ela segue lavando a louça e entre uma roda de chimarrão e outra, quando bato o olhar nela, não é que está me olhando também? Com um leve sorriso e de vereda já retoma o seu trabalho.

Depois de todo esse momento, aos poucos uns que outros se vão para os seus lugares descansar, inclusive Tibúrcio, nessa hora também levanto as coisas do meu barracão para descansar no meu canto. Agradeço a todos e me vou, pois no dia seguinte a lida segue braba. Um último olhar, e baixo a cabeça para agradecer de longe a Iraci, que retribui com sua cortesia.

Nova Vida

Deitado em minha cama, penso no valor que antes eu não dava por ter meu lugar de viver, trabalhar e dormir, e principalmente das pessoas que nos rodeiam nessa vida. Nessa hora um pulo do guaieca me faz lembrar que amanhã tenho que ver um lugar para ele ficar também, hoje estou muito cansado para pensar nisso.

*

No lugar da escuridão, o brilho do sol bate na minha janela, e entre os vãos da madeira, que anunciam um novo dia de trabalho. Ao despertar o mesmo ritual de sempre realizo, só com a animação de pensar em Iraci me chamando para o desjejum. Eu logo que chego próximo ao casarão, amarro com uma corda o meu cusco e aviso ele para não fazer escarcéu, senão eu não daria algo de comer pra ele, acho que com esse aviso ele entende, o rabo mexe.

Tudo se segue conforme o hábito de sempre, só eu percebendo Iraci que está cada vez mais carinhosa, até mesmo na hora do café. Posterior o chimarrão com o senhor Osvaldo, hoje na companhia do seu filho que está de muito bom humor, pelo que parece, também pois sabe que logo irá receber visitas dos amigos como de costume na semana que retorna das viagens, isto sempre acontece.

Retomo os trabalhos com Tibúrcio e os demais, mas com um novo companheiro, onde todos começam a criar laços com o cachorro.

- Já tem nome? – Tibúrcio pergunta.

- Sabe que estou chamando ele de Guaieca, não me vem outro nome na cabeça. – respondo com alegria.

O dia segue normal no trabalho, com o cão sendo bem útil com os outros animais, parecendo que já deve ter feito isso de onde veio. Na porta do casarão está o patrão com seu filho, observando nossa lida e na hora viro o rosto vendo um outro carro vai adentrando na estância, lá vem Inácio, o melhor amigo de Horácio.

Quando o veículo passa por nós e segue em direção da entrada, o cusco dispara latindo pela volta dos pneus, saio também com o meu pingo, enquanto o pessoal continua no reponte para levar até onde tem água. Sem deixar o pobre amigo do patrão sair de seu carro, o latido ameaça morder, nessa hora Horácio que não pensou duas vezes, chuta o meu bichano para longe. Eu chego próximo deles e desço da sela correndo para ver o meu cachorro, viro o rosto com ar de reprovação, tendo apenas o desprezo do herdeiro. De imediato ele vem acolher seu amigo para dentro do casarão e eu me viro os olhos na direção do amigo animal que está bem, um pouco assustado com o ocorrido, mas vejo que é um grande guapo, aguenta nos ossos as coisas da vida.

Pego ele para resolver dar um banho no coitado e saber se tem algo quebrado, ajunto uma bacia e com um tanto de água que tinha para lavar os cavalos mais tarde, uso um pouco dela, assim o pequeno se diverte como se fossemos amigos de longa data. A alegria toma conta no passar da tarde onde ele segue ajudando nos trabalhos, com um pouco mais de mansidão e o patrão leva o seu Inácio pelo terreno, enquanto observa tudo junto a seu filho.

O sol a pico aponta a hora do rango que é oferecido pela Irani e Araci, servindo a todos os peões, no momento em que a moça Irani chega até meu prato ela coloca bastante e toco em sua mão agradecendo.

- Muito obrigado Irani – respondo com um sorriso.

Já dona Araci, percebe com seus olhos de coruja, que há algo acontecendo, batendo forte no prato de Tibúrcio para cair mais o arroz e chamar a atenção de Irani que já passa para o outro peão o alimento necessário para seguir a tarde. Um pouco mais de comida para o nosso novo integrante que pelo que parece nunca recebeu tanto, já que o conheci um pouco magro, porém com um porte médio que ele possui, não aparece as costelas pela magreza, nada assim.

O trabalho segue firme e forte durante o restante do dia, não deixando se escapar nenhum boi, ovelha ou cabra do terreno do senhor Osvaldo. A noite, após tomar aquele caldo de água para tirar o peso do calor tropeiro, vou para a janta com a companhia de todos e do nobre guerreiro, ao que parece vai se recuperando cada hora melhor.

Já de barriga cheia, todos se despedem e vou gastando parte do tempo com o pequeno amigo ao lado de fora do casarão, esperando o momento em que Irani decide colocar o restante de comida para fora, tudo isso sem perceber minha presença, que estava mais distante. Quando está por voltar para o casarão me pega brincando com o bichano, se aproximando para conversar.

- E ele está melhor? – Irani pergunta.

- Sim, se recupera muito bem. – respondo prontamente.

- Que bom. – ela, alegre responde.

- Eu, queria mesmo era te agradecer o que fez por mim Irani. – continuo.

- Em me ajudar com a saída daquele lugar. – sigo o agradecimento.

Ela se encolhe um pouco os ombros, e me aproximo de seu rosto, com o calor tomando conta de mim, tomo uma decisão de tocar-lhe o rosto, vejo que não há recusa e de modo um pouco brusco selo o meu amor com ela no beijo que arrebatou. Ela responde segurando forte em meus cabelos, trazendo para si mais ainda meu rosto e sinto que somos correspondentes em nosso retouço. Depois dos lábios se afastarem, vejo bem nos olhos dela.

- E tu queres sair desse lugar? – pergunto com firmeza.

- Contigo, eu vou pra onde for. – Irani responde com a certeza que nunca percebi nela.

Depois desse forte sentimento, ela pede para voltar para finalizar o trabalho, pois a sua mãe e avó ficarão desconfiadas da demora na rua. Solto devagar sua mão e ao vê-la retornando me viro o rosto para baixo e percebo um espectador abanando o rabo, parece que não quis perder nenhum detalhe. Assim vou com ele até minha choupana, com a alegria de ter sentido algo que faltava para completar a minha vida.

Já no dia seguinte resolvo tomar uma decisão de falar com o patrão na hora do mate. Ele está sozinho no momento, pois o filho ainda não acordou, já que o dia foi de conversa com o seu amigo, que logo no mesmo dia foi embora.

- Senhor Osvaldo, com todo o respeito! – exclamo durante a roda do chimarrão.

- Quero pedir minha retirada. Vou me embora em breve. – respondo com bastante seriedade.

- Mas como? O que houve? – indaga o patrão.

- Sinto que chegou a minha hora de arrumar um lugar para me estabelecer, no entanto pretendo levar Irani. – continuo a falar com seriedade.

- Irani? – pergunta sr. Osvaldo.

- Sim, estamos de enlace e ela concordou em viver comigo. – explico ao estancieiro.

- Entendo, percebi algo entre vocês desde ontem mesmo. E sabe que aqui não gostaria dessa situação por causa dos outros peões. – continua o velho dono.

- Deixe Tibúrcio como seu braço direito, ele é homem de confiança, senhor. – comento a ele.

- E no que vais trabalhar vivente? – pergunta Osvaldo.

- Já faz tempo que conversei com o bolicheiro que precisa de ajudante, e ele sabe que se eu saísse daqui iria trabalhar com ele. – complemento.

- Gostaria que o senhor descontasse dos dias na prisão. E levo meu guaieca comigo, para ele não ser chutado novamente. – concluo.

- Compreendo, sei e até peço desculpas pelo meu filho, ele não é um homem que tem muito cuidado com o campo e pouco se importa com isso, é uma pena. Tens meu aval para ir. – finaliza o dono da casa.

Nessa hora vem chegando seu filho, para pedir a bênção do seu pai, eu baixo a cabeça para de certa forma cumprimentar e logo ele pergunta.

- Quem vai ir meu pai? – Horácio.

- Tibério – conclui seu pai.

- Eu me vou embora senhor Horácio e levo o cachorro comigo, pode ficar tranquilo. – respondo, me levantando da roda, agradecendo ao entregar a cuia para o patrão.

Assim que o desjejum é consumido por mim e também por Irani, chamo a atenção dela para conversar comigo fora do casarão. Enquanto explico os olhos dela parecem brilhar de alegria. Comento que já tinha em mente um lugar para ficar em caso de não poder trabalhar mais com o senhor Osvaldo, uma casa velha que o bolicheiro queria muito me vender, pois ele construiu algo do lado do seu trabalho para assim cuidar melhor da mercadoria e do lugar.

Irani corre de alegria para contar a sua família, que em um primeiro momento repudia a escolha dela, mas não vê outra alternativa já que em coisas do coração não se mexe. Sei que foi muito rápido para elas engolirem, só que elas percebiam que uma hora ou outra sua pequena iria sair no ninho e teriam de deixar voar, já que o pai dela morreu tempos atrás com a chamada Gripe Espanhola.

Nesse momento o tempo parece disparar, pois tudo ocorreu tão rápido em função da minha dispensa do trabalho, o adeus aos companheiros e o abraço em família das mulheres da casa. Com muita honraria o patrão permitiu que ficássemos com um de seus cavalos, mas os braços cruzados de Horácio demonstram que mal se importou com nossa saída. Dispensei o carro deles, fomos nós três, onde o guaieca era levado por Irani, no entanto conversei com o senhor Osvaldo para retornar algumas vezes e recolher todos os meus pertences aos poucos, tendo a sua autorização para realizar isso a qualquer hora, ele ainda comenta que no que precisar estará sua ajuda a disposição, pois deseja muitas felicidades a um homem que sempre foi fiel a sua estância, mesmo sem ter perguntado nada em relação a minha prisão. Sinto que ele acredita em cada palavra que Irani tenha comentado com ele.

Primeira parada foi o acerto com o bolicheiro sobre o valor da casa de madeira e pegar a chave do novo lar. Era uma distância pequena até a estância e o bolicho, ficando digamos assim, no meio do caminho. Chegando lá, vimos um lugar que é nosso de verdade e alegria emanava de Irani, nosso beijo deixava tudo mais quente, agora pelo início de setembro floresce ainda mais nossos corações. Com muitas coisas sendo adquiridas e outras que eu buscava da estância aos poucos o lugar tinha uma cara de lar, ficando do jeito que gostaríamos, o latido do guaipé era a prova de felicidade entre nós.

Iniciava o trabalho de manhã e voltava ao final da tarde, dum lugar que antes era ponto de descanso e hoje é a maneira de trazer réis para nossa casa... Ah! Como o tempo voa quando o coração está completo, os dois dias na prisão foram os mais longos de minha vida, em comparação com tudo o que tem acontecido agora conosco.

Certo domingo de outubro estávamos em frente a porta. Eu já tinha a minha cuia, e peguei para Irani agulhas que já passam de geração na família dela para tricotar e ser uma das formas também de passar o tempo, já que agora não precisaria cozinhar para um batalhão, sendo somente para nós três. Eu sentado em uma cadeira de madeira e Irani também, com o companheiro observando um pequeno sapo que apareceu por aquelas bandas, eu olhava ao horizonte pensando que vida nova é essa que tenho agora, como se eu fosse completo por dentro, nada me deixava mais alegre do que esse momento em que estou vivendo.

- É acho que não quero mais nada. – completo.

- Obrigado por tudo o que tem feito Tibério. – Irani responde, já olhando de volta para o seu trabalho manual.



Choro de Criança

Dia após dia, o trabalho que me enobrece e sempre esteve nas minhas veias a vontade de fazer algo, permite que possamos colocar as coisas para dentro de nossa casa. Com todo o cuidado que Irani tem por mim e pelo guaiepeca, me faz entender como uma vida assim me torna um homem melhor, aos poucos os pequenos adereços vão melhorando nosso ninho e na atenção aos detalhes que só ela pode ter para que flores brotem e plantas tenham o seu lugar por aqui.

O calor começa a tomar conta, porém a noite segue agradável com o nosso pequeno guardião de prontidão. Ele fareja bem, só os ouvidos dele que parecem um pouco prejudicados, tentei avaliar se alguma sujeira pudesse ter entrado lá e entupido, pois algumas vezes lhe chamo e ele não escuta muito bem, nada grave para um bicho do mato.

Passado mais alguns dias, é o momento de receber pelo trabalho e decido levar algumas coisas da venda para armazenar em nossa casa neste fim de semana. Chego com bastante sacos em cada lado do cavalo e Irani nos recebe com alegria sabendo que pode fazer algo a mais nessas noites. Depois de tudo guardado a noite vai chegando e um bacia de banho para relaxar era tudo o que eu pedi ao patrão-velho, assim como ela também. Jantamos o preparado que Irani fez com tanto esmero, não é se orgulhar, mas essa mulher cozinha muito bem. O restante o cusco pode se esbaldar para roncar de barriga cheia nessa noite de quase lua cheia.

Aquele cheiro que Irani me desperta na hora de deitarmos, só me faz beijar toda ela com ardor de um homem apaixonado, renovando minhas forças entre abraços e carícias de uma mulher que deseja o seu companheiro, tornando a noite muito agradável. E assim depois descansamos com o corpo junto ao outro. Acabo por escutar alguns barulhos, mas nada que me assuste, já que temos o cachorro para cuidar da entrada, deve ser algum bicho, algum gato do mato que ele queira morder durante a madrugada.

No dia seguinte estou de folga do trabalho e com isso aproveito para limpar o terreno, ajudar nas tarefas que não podem só recair sobre os ombros dela, tenho que participar também. Irani se alegra por me ver ajudando, sabendo que como um casal, mesmo não casados oficialmente ainda, temos muito em comum. Ela até me pergunta quando iremos casar, e mostro para ela que assim que tudo estiver bem ajustado e com um pouco mais de dinheiro guardado podemos fazer, já peço para ela ver o que precisa para convidar algum familiar de longe ao enviarmos cartas.

Esse assunto perdurou o dia inteiro, depois do mate da noite que tomamos na rua, por causa do vento ameno, decidimos retornar para a casa e uns afagos antes de se banhar me alegam a noite, até que em certo momento escuto latidos do nosso sentinela, porém escuto junto gritos de homens e os latidos vão se tornando menores, logo quando abro a porta só vejo vultos correndo por entre os arvoredos que temos pelo terreno. Abro a porta para ver se enxergo algo, o luar brilhante me ajuda a iluminar um pouco mais essa noite bonita com a lua redonda mesmo e ao olhar para o lado meus olhos se abrem de uma maneira nunca vista, ao meu lado vem Irani que coloca a mão na boca e dá gritos de horror. Não consigo segurar e me enche de lágrimas nos olhos pelo que vejo ao chão o meu Guaiepeca aberto na barriga pelos golpes do que parece ser de um facão.



Neste momento sou consolado no ombro pela minha Irani, que também deixa lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Me abaixo e seguro o corpo que ainda pulsa o sangue do pequeno. Ele ainda olha para a minha pessoa enquanto não sabe o que está acontecendo, tremendo com medo e dor juntos, vejo também um pouco de sangue nos seus dentes, não sei se vem de alguma mordida que ele possa ter dado nos desgraçados ou se está vindo de dentro.

- O que esses vagabundos queriam por aqui minha prenda? – pergunto com dificuldade na voz.

- Não sei meu Tibério. Deve ser a comida. – ela responde também sem falar direito.

- Esses malditos, o que fizeram contigo meu guapo? – com embargo na voz questiono.

- Será que dá tempo de levar em algum lugar... – Irani com sua bela intenção comenta.

- Ele está se indo minha bela, e... e será que sua alma vai ficar comigo? – pergunto estando cada vez pior.

- Porque se bicho não tem alma, será que esses vivos têm? – a pergunta fica no ar.

A pouca respiração mostra que está se indo, e me abraço ao corpo dele num misto de raiva e dor, com o choro se misturando ao sangue dele que agora está em minhas roupas. Irani também se abaixa passando a mão na cabeça dele. Nessa hora me vem na memória a estrada que o conheci, a briga que tive, o carro que andamos juntos, eu algemado e ele junto aos meus pés. A cela que me acompanhou a minha pequena pena, mesmo que não seria para ele, estava lá, no alimento dividido, ficando ou não com um pouco de fome o companheiro não me abandonou. Na hora da saída pelas mãos de Irani ele veio junto como que perguntando se poderia vir conosco e ao chegar na estância reconhece todo o terreno, começa os trabalhos, porém um bendito, digo infeliz homem que não ama os bichos resolve lhe chutar. Quem sabe isso, se não o tivesse chutado acho que conseguiria espantar mais ainda esses ordinários que só pensam em roubar as coisas que não tem capacidade de conquistar por meio do esforço do trabalho.

Que tempos cruéis estamos, para o fim do mundo esses vivos sem alma que vagam pelas estradas. Nesse momento sinto o último suspiro e ele resolve me abandonar. Grito, xingo e choro...choro muito como uma criança que acabara de perder alguém muito próximo e não consegue compreender o que o homem lá de cima planeja para todos nós. É muito para minha cabeça, mas Irani já um pouco recuperada levanta-se e decide pegar uma pá que temos dentro de casa para enterrar o guaipeca, sinto não estar pronto pra isso, estando ainda agarrado no colo. Só a raiva toma conta de minha pessoa, peço a ela um pouco mais para poder lembrar a nossa saída até aqui e o pouco tempo que pode se divertir como um grande companheiro para nós, no entanto a morte não tem hora marcada, ela vem e leva os sentimentos.

- Como eu gostava do meu cusco. – respondo secando as lágrimas com o braço.

Irani aos poucos vai cavando ao lado de algumas flores, retirando a terra para fora, ao mesmo tempo que vou levantando e erguendo o corpo dele junto, isto parece muito cruel, mas é o mínimo que eu posso fazer para ele, que fique aqui descansando ao nosso lado. Para que toda a vez que eu tomar meu chimarrão a saudade não esquecida, daquele que em pouco tempo me conquistou e mudou a minha vida, me tornando cada vez menos xucro.

Me importando com as pessoas e animais com o devido respeito, isso ficou cravado em meu peito tudo o que esse bicho fez por mim. Levo o corpo para baixo da terra e quando Irani ia pôr a terra, eu pego na pá, decidido a fazer isso, ela me entendeu.

- Temos que conseguir algo para nos proteger agora Tibério. – ela comenta.

- Sim, vou conseguir uma arma com uns conhecidos, e se vierem novamente vão levar chumbo. – concluo.

Porção por porção a terra vai encobrindo o corpo pequeno sob o luar que me faz enxergar pela última vez desse companheiro. Isto me recorda do pesadelo que tive na prisão, com detalhes diversos, naquele momento achei que fosse só um sonho ruim, porém veio a acontecer, devia ter percebido agora o que naquele dia a cabeça queria me mostrar, me revelar ao ter os olhos fechado. Não é comigo saber ler esses sonhos, não tenho uma habilidade como essa, sempre fui do campo, deixo aos estudiosos e sobrenaturais, coisa que não acredito, em decifrar o que não entendemos.

Ao terminar bato bem com a pá, ficando um pouco mais aqui fora para me despedir dele, Irani já retorna para casa em um silêncio que ela entende, não tenho palavras mais para falar sobre tudo. O que me sobra de ar para colocar pra fora saindo apenas isso.

- Adeus meu amigo, meu Guaipeca.

fim

